

INQUIETUDES SOBRE DIVERSIDADE E DIFERENÇA: UM ELO ENTRE PRÁTICA EDUCATIVA E FORMAÇÃO DOCENTE

CONCERNS ABOUT DIVERSITY AND DIFFERENCE: A LINK BETWEEN EDUCATIONAL PRACTICE AND TEACHER TRAINING

PREOCUPACIONES POR LA DIVERSIDAD Y LA DIFERENCIA: UN VÍNCULO ENTRE LA PRÁCTICA EDUCATIVA Y LA FORMACIÓN DEL PROFESORADO

Andrelize Schabo Ferreira de ASSIS¹

Kátia Sebastiana Carvalho dos Santos FARIAS²

Ana Quiovetti do NASCIMENTO³

RESUMO: Relacionando os estudos realizados no Mestrado Profissional com as contribuições dos docentes da educação profissional, este ensaio problematiza a importância da diversidade como elemento de formação docente e sua importância no currículo e espaço escolar. A partir da necessidade de compreender como a diversidade é inserida na prática docente, utilizou-se a pesquisa bibliográfica descritiva de natureza qualitativa, baseada nas ideias filosóficas de Ludwig Wittgenstein, com jogos de linguagem, e de Jacques Derrida, com a ideia da desconstrução, buscando construir e desconstruir os saberes existentes acerca da temática. Com as problematizações foi possível enfatizar a importância de ampliar, construir e desconstruir visões e rastros acerca da formação docente para a diversidade.

Palavras-chave: Diversidade. Formação Docente. Currículo Escolar.

ABSTRACT: *Relating the studies carried out in the Professional Master with the contributions of teachers of professional education, this essay discusses the importance of diversity as an element of teacher education and its importance in the curriculum and school space. From the need to understand how diversity is inserted in teaching practice, we used the qualitative descriptive bibliographic research, based on the philosophical ideas of Ludwig Wittgenstein, with language games, and Jacques Derrida, with the idea of deconstruction, seeking to construct and deconstruct the existing knowledge about the theme. With the problematizations it was possible to emphasize the importance of expanding, constructing and deconstructing visions and tracks about teacher education for diversity.*

Keywords: *Diversity. Teacher training. School curriculum.*

RESUMEN: *Relacionando los estudios realizados en el Master Profesional con las contribuciones de los docentes de educación vocacional, este ensayo discute la importancia de la diversidad como un elemento de la educación docente y su importancia en el currículo y el espacio escolar. A partir de la necesidad de comprender cómo se inserta la diversidad en la práctica docente, utilizamos la investigación bibliográfica descriptiva de naturaleza cualitativa, basada en las ideas filosóficas de Ludwig*

¹ Mestra em Educação Escolar. Instituto Federal de Rondônia, Porto Velho, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-4273-3857>, E-mail: andrelizeschabo@gmail.com

² Doutora em Educação. Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, Brasil. <https://orcid.org/0000-0001-5646-8604>, E-mail: katiafarias@unir.br

³ Mestra em Educação Escolar. Instituto Federal de Rondônia, Porto Velho, Brasil. <https://orcid.org/0000-0001-7074-9090>, E-mail: anaquiovetti@yahoo.com.br

Wittgenstein, con juegos de lenguaje, y Jacques Derrida, con la idea de la deconstrucción, buscando construir y el conocimiento existente sobre el tema. Con las problematizaciones, fue posible enfatizar la importancia de expandir, construir y deconstruir visiones y pistas sobre la educación docente para la diversidad.

Palabras clave: *Diversidad. Formación del profesorado. Currículum escolar*

Introdução

Este ensaio foi desenvolvido a partir de textos estudados e discussões realizadas na disciplina *Formação de Professores, Cultura, Saberes e Práticas*, ministrada no Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar Mestrado e Doutorado Profissional (PPGEEProf) da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), bem como dos relatos de experiências de cinco professores do Instituto Federal de Rondônia – IFRO, *Campus Ji-Paraná*, sendo um deles uma professora aposentada convidada, compartilhadas no seminário que ocorreu antes da finalização da disciplina *Educação Inclusiva* da Licenciatura em Química.

Construímos jogos de linguagem entrelaçando os relatos dos docentes participantes com os teóricos estudados na disciplina do PPGEEProf, pois entendemos que a terapia filosófica de Wittgenstein se insere no contexto ao representar as falas como jogos de linguagem que se constituem dentro das práticas realizadas, além disso, pauta-se a teoria a partir de um viés desconstrucionista baseado em Jacques Derrida.

O objetivo geral é problematizar a importância da diversidade e diferença como elemento da formação docente nos espaços escolares e o específico é discutir à luz dos teóricos a formação docente para a diversidade e diferença, enfatizando sua importância no currículo escolar. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica descritiva de natureza qualitativa, por meio do entrelaçamento das vozes dos teóricos estudados na disciplina *Formação de Professores, Cultura, Saberes e Práticas*, principalmente os textos sobre diversidade, identidade e diferença e formação docente, com os relatos das experiências vivenciadas pelos professores na prática escolar do IFRO, *Campus Ji-Paraná*, para problematizarmos a temática diversidade na prática pedagógica.

A problemática do texto se circunscreve em torno dos seguintes questionamentos: De que forma a diversidade vem sendo inserida na prática pedagógica docente? Como a temática vem sendo abordada nos currículos durante a formação acadêmica inicial? Como o docente entende a importância de realizar formações continuadas sobre essa temática?

Durante o seminário realizado no IFRO trabalhamos textos que compõem a obra *Identidade e Diferença* (2014), de organização de Tomaz Tadeu da Silva, que trouxeram a visão de que o trabalho com as diferenças deve permitir aos alunos o desenvolvimento da capacidade de criticar e questionar os sistemas e as formas dominantes de representação da diferença e da identidade, movendo diálogos também em torno do currículo e da formação docente.

Sobre a noção de jogos de linguagem/cenas utilizados na pesquisa, entendemos a linguagem como jogos, que nada mais são que conjuntos de linguagens tecidas no momento da ação. Nada existe fora da linguagem, pois ela é vida. A linguagem está em nosso meio e se constitui em uma atividade humana que é influenciada por aspectos sociais, culturais e históricos. Quando Wittgenstein introduziu o conceito de jogos de linguagem, tinha a intenção de romper com o pensamento tradicional de que as palavras dão somente nome às coisas e objetos. Ou seja, dependendo da forma de vida em que os jogos de linguagem se situem, significados diferentes podem emergir. Os significados constituídos a partir do uso dentro dos jogos de linguagem dependem das diferentes formas de vida que as práticas estão submetidas.

Nessa visão, os jogos de linguagem são mobilizados no decorrer desta pesquisa na dimensão em que podem acionar intencionalmente a estratégia literária da encenação narrativa e, desse modo, tornar difusa, ou mesmo inexistente, a linha demarcatória “entre jogos efetivos e jogos fictícios de linguagem” (MARIM; FARIAS, 2017, p. 178). Apoiadas nessa visão, optamos por um texto narrativo, pois entendemos que ao escrever estamos contando sobre algo por meio da história. “Por meio do ato em que ele é contado há inevitavelmente uma nova versão que possui a própria singularidade, que após ser contada e recontada surgirão novas singularidades” (FARIAS, 2014, p. 57). No mesmo sentido que Miguel (2014), em seus estudos e pesquisas sobre os jogos de linguagens propostos pelo filósofo Ludwig Wittgenstein, entendemos que:

[...] encenar uma prática é o mesmo que encenar um jogo regrado de linguagem, isto é, disciplinar o corpo no sentido de fazê-lo seguir as regras desse jogo. Podemos então afirmar que a linguagem funciona como um jogo, jogamos uns com os outros o tempo todo, com palavras, gestos e entonações (MIGUEL, 2014, p. 8).

Para tanto, o estudo ficou dividido em três partes: cada uma constitui uma encenação narrativa e os personagens são identificados de forma fictícia. A primeira cena trata da diferença e da diversidade, tentando romper com conceitos estáticos acerca da

temática e buscando mobilizar e desconstruir tais conceitos para a abertura de novas possibilidades de olhares. A segunda cena compõe-se por um diálogo entre personagens inspirados em autores trabalhados na disciplina entrelaçados às percepções dos docentes em seminário. E por último, na terceira cena, voltamos à discussão para as possibilidades ou necessidades de formação para a diversidade e diferença.

A pesquisa não visa mostrar como foram realizados os estudos dos textos em sala de aula, nem tampouco como foi realizado o seminário numa sequência dos fatos. O intuito é problematizar a temática da diversidade e diferença, tencionando e situando no espaço profissional docente a partir do momento atual, com ênfase para a atuação do professor. “Com base nos argumentos apresentados pelos docentes desenvolvemos um estudo teórico com fundamentos para o desenvolvimento pessoal, social e profissional”. (LOSS, 2015, p. 2).

Para manter a fluência do texto, optamos por transpor as observações e as referências em notas de rodapé. No transcorrer dos capítulos, os jogos de linguagem/cenas compõem-se de narrativas que acontecem no espaço onde ocorre um seminário educacional, que conta com uma personagem convidada, professora aposentada que relembra suas experiências, trazendo alguns aspectos que permeiam a temática, contracenando com cinco professores que participaram do seminário, além dos autores citados que também se tornaram personagens na cena. Para contribuir com a terapia, o delineamento dos assuntos é realizado pela mediadora do seminário, que representa as autoras da pesquisa, e traz em suas narrativas resultados e contribuições acerca da temática.

Diferença e diversidade: mobilizações e desconstruções

É com base na perspectiva da mediadora, que participa diretamente e se insere como pesquisadora, que foram recortados e escolhidos os momentos do seminário a serem evidenciados neste ensaio. Participam desta cena a mediadora, a convidada, as professoras de Sociologia e de História e os personagens espectrais Silva e Catherine Walsh. Nesta cena os personagens irão expor suas experiências em sala de aula com a temática da diversidade.

Inicia o seminário. Devido ao número de participantes, o evento foi realizado em sala de aula, onde os participantes foram se acomodando e se apresentando. Os

expectadores são alunos que cursam Licenciatura em Química e que em breve atuarão como professores.

Mediadora — (Animada, apresenta-se e inicia o seminário) *Boa noite a todos! Vamos iniciar discutindo o texto de Tomaz Tadeu da Silva⁴, intitulado “A produção social da identidade e da diferença”, que é bastante esclarecedor sobre a temática da diversidade. Vamos refletir um pouco sobre a construção da diferença baseada nas relações de poder.*

Convidada — (Com a voz rouca) *Vou trazer à baila um pouco do contexto histórico-educacional dos negros: vocês sabiam que as políticas públicas do período imperial impediam que os escravos e ex-escravos frequentassem as escolas públicas no Brasil?*

Mediadora — (Concorda) *Realmente, é como nos mostra Cruz⁵, na prática, mesmo quando garantiam o direito de os libertos estudarem, não forneciam condições materiais para a realização plena desse direito.*

Silva — (Acrescenta) *Sim, “a população negra era impedida de frequentar a escola formal, que era restrita por lei aos cidadãos brasileiros, coibindo o ingresso dos negros que era em larga escala, africana de nascimento”.⁶ O que se sabe que o negro marcado pela herança da escravidão e do preconceito foi abandonado à própria sorte por muito tempo.*

Convidada — (Retoma) *Pois então... Para ter acesso à educação escolar, os negros tiveram que se organizar e criar escolas, principalmente nos quilombos.*

Professora de Sociologia — (Corta) *Já o ensino para os indígenas era feito inicialmente de modo espontâneo nas comunas⁷. No entanto, com a chegada dos jesuítas tudo mudou... Há relatos de que os jesuítas aprendiam a língua indígena para catequizar os nativos, garantindo a ocupação do território e a mão de obra necessária para o desenvolvimento econômico da região nas aldeias. As tribos que resistissem a esse processo escolar iam sendo exterminadas.⁸*

⁴ (SILVA; HALL; WOODWARD, 2014, p. 73).

⁵ (CRUZ, 2005, p. 29).

⁶ (SILVA; ARAÚJO, 2005, p. 68).

⁷ Comunidades alicerçadas em uma economia natural em que todos tinham direitos iguais e viviam sob a base da propriedade comum da terra (RODRIGUES; DIAS; LIMA, 2017, p. 1).

⁸ Primeiro, os jesuítas introduziam o ensino elementar organizado em classes para contar, ler (soletrar), escrever e rezar em Latim, com as crianças, os padres recolhiam o material para a organização da língua e conseguiam ampliar sua obra catequizadora ensinando-as canções, que mais tarde eram repetidas para seus parentes (RODRIGUES; DIAS; LIMA, 2017, p. 6).

(Pequena pausa. Os alunos se entreolharam surpresos com a informação.)

Mediadora — (Retomando) *As práticas educacionais excludentes também afetaram pessoas com necessidades especiais, que eram limitadas de frequentar a escola regular. No século XIX, “a educabilidade acontecia em instituições religiosas ou filantrópicas, com o consentimento governamental, mas sem qualquer tipo de envolvimento do poder público. Nessa época esperava-se que as práticas educativas especiais curariam as deficiências, gerando comportamentos normalizados”.⁹*

Professora de História — (Expõe com base em sua experiência) *Atualmente, quando discutimos a questão da diversidade e do processo de escolarização de negros, indígenas e alunos com deficiência, os principais questionamentos em sala de aula referem-se às cotas, consideradas benefícios que esses grupos recebem. Também é questionado se a educação especial deve ser realizada nas classes regulares; se os indígenas podem ter acesso a carros, celulares e eletrônicos...*

Convidada — (Virando-se para a turma de futuros professores, explica) *Ao trabalhar a trajetória dos grupos minoritários em sala de aula, a professora de História proporciona a possibilidade de os alunos compreenderem os rastros que compõem a diferença, bem como a construção da identidade do grupo discriminado.*

Professora de História — (Entusiasmada, retoma) *Sim, e quando esses questionamentos são levantados, eu apresento leituras sobre as temáticas e promovo discussões, sempre visando oportunizar ao aluno as diferentes concepções, a trajetória dos grupos, a necessidade das lutas das minorias, a fim de que o aluno caminhe para a construção de novos conceitos, permitindo novos olhares e abrindo caminhos para a desconstrução de preconceitos. Entretanto, sabemos que esse amadurecimento é pessoal e não é feito da noite para o dia.*

Mediadora — (Concorda) *Sim! Sua exposição chama atenção no sentido de demonstrar uma preocupação não somente com o aspecto de aceitar as diferenças, mas de compreender as relações que permeiam e criam as diferenças.*

Professora de História — (Voltando-se aos participantes na mesa) *Geralmente as turmas são bastante refratárias a respeito de cotas. Quando estudamos os textos, debatemos e realizamos seminários, os acadêmicos costumam mudar de ideia. No semestre passado, na avaliação final da disciplina de Relações Étnico-Raciais, vários*

⁹ (FIALHO; MENDES, 2006, p. 3).

alunos disseram coisas do tipo “eu era contra cotas, mas porque não entendia profundamente do assunto, estudando, mudei de ideia”.

Silva — (Interrompe e acrescenta) *A título de esclarecimento sobre a temática, “a identidade, tal como a diferença, é uma relação social. Isso significa que sua definição [...] está ligada a vetores de força, a relações de poder. Elas não são simplesmente definidas; elas são impostas. Elas não convivem harmoniosamente, lado a lado, em um campo sem hierarquias; elas são disputadas”.*¹⁰

Mediadora — (Concorda e explica) *A identidade e a diferença são interligadas e produzidas nesse processo de diferenciação, fundamentadas nas operações de incluir e excluir (“sou isso, logo, não sou aquilo”). Onde existe a diferenciação, existe o poder. Essa é a chave para compreender a construção das diferenças.*

Silva — (Acrescenta) *Isso! “As relações de identidade e diferença ordenam-se, todas, em torno de oposições binárias: masculino/feminino, branco/negro, heterossexual/homossexual. Questionar a identidade e a diferença como relações de poder significa problematizar os binarismos em torno dos quais elas se organizam.”*¹¹

Professora de Sociologia — (Ergue a mão, em um gesto querendo pronunciar-se) *E isso reforça que as raízes da diferença que advêm das relações de poder precisam ser discutidas em sala de aula. Achille Mbembe¹² afirma que o africano só se tornou negro depois que o europeu assim o nomeou. Ao nomear o outro, destaca-se que as diferenças são mais importantes que as semelhanças. O autor vai ao encontro do que Tomaz Tadeu da Silva¹³ afirma ao dizer que quem tem o poder de representar, tem o poder de definir e determinar a identidade.*

Silva — (Comenta) *Sim, adentrando um pouco sobre a questão do multiculturalismo em educação e a diversidade cultural, não podemos “abordar o multiculturalismo em educação simplesmente como uma questão de tolerância e respeito para com a diversidade cultural. [...] Ver a identidade e a diferença como uma questão de produção significa tratar as relações entre as diferentes culturas não como uma questão de consenso, de diálogo ou comunicação, mas como uma questão que envolve, fundamentalmente, relações de poder”.*¹⁴

¹⁰ (SILVA; HALL; WOODWARD, 2014, p. 81).

¹¹ (SILVA; HALL; WOODWARD, 2014, p. 83).

¹² (MBEMBE, 2014).

¹³ (SILVA; HALL; WOODWARD, 2014).

¹⁴ (SILVA; HALL; WOODWARD, 2014, p. 96).

Catherine Walsh — (Problematiza) *Há a necessidade de ler criticamente o mundo, intervir na reinvenção da sociedade e visibilizar a desordem absoluta da descolonização, como apontaram há alguns anos Frantz Fanon, da Martinica, e Paulo Freire, do Brasil* ¹⁵.

Mediadora — (Acena com a cabeça positivamente e interrompe) *Catherine, é como você disse: é preciso ter uma visão crítica de que a lógica multicultural do capitalismo multinacional muitas vezes se abre para a diversidade objetivando assegurar o controle e o domínio do poder.*

Catherine Walsh — (Conclui) *Além disso, destaco que as pedagogias e as práxis comprometidas em assumir uma responsabilidade e um compromisso com a transformação, a criação e o exercício de compreensão e do questionamento das colonialidades do poder são fundamentais para a libertação das correntes presentes nas mentes.* ¹⁶

Silva — (Olhando para todos) *Podemos afirmar que uma estratégia que simplesmente admita e reconheça o fato da diversidade torna-se incapaz de fornecer os instrumentos para questionar precisamente os mecanismos e as instituições que fixam as pessoas em determinadas identidades culturais e que as separam por meio da diferença cultural. Antes de tolerar, respeitar e admitir a diferença, é preciso explicar como ela é ativamente produzida. A diversidade biológica pode ser um produto da natureza; o mesmo não se pode dizer da diversidade cultural.*

(Pensativo, acrescenta) *Na realidade, “a diversidade cultural não é, nunca, um ponto de origem: ela é, em vez disso, as reticências de um processo conduzido por operações de diferenciação. Uma política pedagógica e curricular da identidade e da diferença tem a obrigação de ir além das benevolentes declarações de boa vontade para com a diferença. Ela tem que colocar no seu centro uma teoria que permita não simplesmente reconhecer e celebrar a diferença e a identidade, mas questioná-las”.* ¹⁷

Professora de Sociologia — (Empolgada, concorda) *Realmente! E é nesse sentido que os estudantes devem ser estimulados a explorar e compreender o processo de formação das diferenças, pois assim serão capazes de questioná-las e caminhar para a desconstrução de preconceitos que são reforçados constantemente até mesmo na escola.*

(Burburinho. Alunos conversam entre si.)

¹⁵ (WALSH, 2009, p. 13).

¹⁶ (WALSH, 2009).

¹⁷ (SILVA; HALL; WOODWARD, 2014, p. 100).

Mediadora — (Comenta) *Sim, reforçados também por meio da característica da linguagem chamada citacionalidade, que consiste na capacidade de um texto (escrito ou falado) ser recortado, repetido e inserido em diversos contextos, ou seja, o que dizemos faz parte de um contexto amplo que pode reforçar ou desconstruir identidades.*

Professora de História — (Acrescenta) *Por esse motivo, ao trabalhar com o aluno no sentido de fazê-lo compreender o processo de formação da identidade, é possível prevenir ações eivadas por preconceitos e evitar a propagação de uma cultura discriminatória, uma vez que as identidades são constantemente criadas e recriadas por meio da fala e muitas vezes por desconhecimento ocorre a propagação de conceitos equivocados.*

Mediadora — (Corta e comenta) *Um exemplo disso é a questão das cotas, que é uma temática interessante para trabalharmos em sala de aula.*

Professora de Sociologia — (Problematiza) *Muitas vezes erramos ao respeitar apenas as diferenças que nos agradam ou com as quais nos identificamos...*

Silva — (Ajeitando-se na cadeira, toma a palavra) *E não é só isso: “Respeitar a diferença não pode significar ‘deixar que o outro seja como eu sou’ ou ‘deixar que o outro seja diferente de mim tal como eu sou diferente (do outro)’, mas deixar que o outro seja como eu não sou.”¹⁸*

Convidada — (Relembra suas experiências) *Na minha época eu trabalhava por meio de esclarecimentos e de debates em sala de aula, no sentido de mostrar que os alunos conseguiriam ter um entendimento a respeito da temática da identidade e da diferença, dissolvendo estereótipos e preconceitos.*

Mediadora — (Concorda) *Sim! O currículo escolar deve ser norteado por questões que girem em torno de como a identidade e a diferença são produzidas; quais mecanismos estão envolvidos nessa produção e na fixação da identidade e da diferença; e a diferença do múltiplo e não do diverso, pois a diversidade é um dado e a multiplicidade é um movimento.*

Convidada — (Resume) *Isso... Enquanto a diversidade reforça o idêntico e o diferente, a multiplicidade estimula a diferença e não se funde ao idêntico.*

Rastros da diversidade que ecoam das vozes dos professores em seus fazeres pedagógicos

¹⁸ (PARDO, 1996, p. 154 *apud* SILVA, 2014, p. 101).

Em sala de aula, ao interromper o modo automático de trabalhar a diversidade, deixando de lado o *aceitar as diferenças* e instaurando uma postura metodológica crítica ao *questionar a formação das diferenças*, os professores observaram que novos caminhos foram traçados no sentido de reconhecer as relações de poder envolvidas no processo. Entendemos como Silva, Hall e Woodward (2014, p. 95) “A repetição pode ser interrompida. A repetição pode ser questionada e contestada”. Com essa visão e com o propósito de discutir a diversidade nas vozes docentes e em seus fazeres pedagógicos é que se desenvolve a terapia a seguir.

Participam desta cena a mediadora, a convidada, a professora de História, a professora de Sociologia, a professora de Língua Espanhola, a professora de Pedagogia e os personagens espectrais Carvalho e Contreras.

Mediadora — (Mostrando-se pensativa) *Sabemos que inúmeras vozes docentes permeiam à docência e mobilizam os seus conhecimentos, seus saberes e suas práticas. Dessa forma, é importante a discussão do desenvolvimento do currículo e a possibilidade de mudanças diante da realidade que é dinâmica e não estática.*

Carvalho — (Corta) Concordo com você. *O professor é um gestor dos focos de experiências possíveis no cotidiano da formação humana.*¹⁹

Mediadora — (Comenta) *A esse respeito, uma voz docente ecoa no sentido de superar as práticas reguladoras, que buscam padronizar cada vez mais a educação.*

Professora de Sociologia — (Animada) *A quebra de a conceitos arraigados que sustentam uma educação homogênea e idealizada deve ser repensada por todos os professores! É importante que todos os profissionais estejam abertos para tantas questões que a diversidade nos propõe.*

Mediadora — (Questiona) *Será que nos currículos as discussões em torno da diversidade têm relação intrínseca? Alguém quer se manifestar sobre o assunto?*

Professora de História — (Balançando os pés sob o joelho responde) *Então, não é possível falar de História, Relações Étnico-Raciais, Sociologia e Antropologia sem falar da diversidade. Temos disciplinas de Relações Étnico-Raciais, Direitos Humanos e também de Ética Profissional, onde essa temática da diversidade é a razão de ser, porém a condução depende muito do posicionamento do professor.*

Professora de Língua Espanhola — (Comenta) *Apesar da temática não estar diretamente ligada ao ensino da minha disciplina, procuro sempre trabalhar com textos*

¹⁹ (CARVALHO, 2012, p. 8).

que retratam o assunto, pois a minha disciplina permite que eu percorra qualquer tema. Realmente depende muito da postura do professor...

Mediadora — (Corta e acrescenta) *Tem razão, o professor em sua prática, experimenta o próprio currículo ao selecionar as temáticas e os métodos de ensino.*

Contreras — (Ajeitando-se na cadeira, completa) *Sim, sem deixar de levar em consideração que “o currículo necessita ser sempre interpretado, adaptado e, inclusive, ser (re)criado por meio do ensino que o professor realiza”.*²⁰

Professora Pedagoga — (Comenta) *Nas disciplinas pedagógicas, a temática está estritamente relacionada, tais como Didática, Educação Inclusiva e Estágios. Quando se trabalha com a formação inicial docente, é necessário pensar em um currículo que atenda a diferentes públicos encontrados na sociedade, que promova discussões que irão além da formação específica exigida na habilitação que será conferida.*

Mediadora — (Acrescenta) *Inclusive, vimos que essas disciplinas, principalmente na formação inicial docente, perpassam por um processo de desconstrução constante, e a formação docente é temporal. O trabalho com projetos pressupõe a abertura de experiências que, sendo positivas, criam práticas positivas.*

Professora Pedagoga — (Pede a palavra e retoma) *Em Didática, por exemplo, são propostas leituras sobre pluralidade cultural, identidade, legislações, proposta de planos de aula em que esses temas apareçam e sejam questionados. Já em Educação Inclusiva, a escolarização dos negros e indígenas e a educação especial são analisadas à luz da legislação vigente.*

Mediadora — (Conclui) *Por isso, considero imprescindível que a formação de professores ocorra de forma contínua, pois a dinamicidade da sociedade não permite que as propostas metodológicas permaneçam imutáveis.*

Olhares sobre a diversidade na formação docente

É importante a experiência para nos tornamos diferentes, para nos transformarmos, pois a “experiência é o que nos passa, nos acontece, que nos toca” (LARROSA, 2002, p. 21). Mas é necessário que estejamos dispostos a ouvir, a olhar, a calar, a aprender a escutar, a falar sobre o que nos acontece, a cultivar o encontro com o

²⁰ (CONTRERAS, 2002, p. 116).

outro, pois é através da permissão do encontro que compartilhamos saberes tornando um momento significativo para a aprendizagem, através da experiência que nos toca.

Participam desta cena a mediadora, a convidada, a professora de História, a professora de Inglês e os personagens espectrais Clareto, Larrosa e Loss.

Mediadora — (Com um livro na mão) *Além da concepção defendida pelo autor no texto “Pensar a formação do professor de matemática: discussões teóricas atuais”, Clareto e Oliveira²¹ citam Larrosa²² ressaltando que “não há um modelo a seguir, não há um homem para dar conformidade, não há um eu para desvelar”. Assim, ao aproximar dessa ideia de formação não se pode prever o que está por vir, não há um caminho a seguir de antemão. Todo o percurso está por inventar, sem poder evitar as contingências, pois o percurso do sujeito é sempre singular e não há razão que guie esse percurso.*

Convidada — (Preocupada) *Vamos ver como isso funcionará daqui para frente! Esse estudo mostrou que o papel do professor vai além da benevolente afirmação sobre aceitar e conviver pacificamente com as diferenças, mas sabemos que não há uma fórmula pedagógica que se aplica a todo contexto. Além disso, percebemos a necessidade de formação dos professores para que eles possam atuar com segurança e formar alunos críticos.*

Mediadora — (Acrescenta) *Sobre isso, no texto “Afirmação criadora: Zaratustra entre seus movimentos formativos”, Brito²³ expõe que não há efetivamente uma afirmação que não tome a negação em sua força mais limitada, mas também não há força afirmativa sem proceder do fundo do negativo.*

Clareto — (Concorda) *É preciso mobilizar e se movimentar no desconhecido para desconstruir e construir novas concepções sobre a temática. Aliado a esse processo, não podemos desconsiderar que pensar a formação do professor seria, portanto, pensar o produto e os efeitos da formação, ou seja, a forma-professor; ou ainda, pensar o processo como etapas da produção dessa forma.²⁴*

Loss — (Pede a palavra e acrescenta) *A formação de educadores até meados de 1990, foi fortemente caracterizada pelo modelo positivista, técnico e religioso. Isso significa dizer que não será de um dia para outro a construção de uma nova imagem e a*

²¹ (CLARETO; OLIVEIRA, 2010, p. 13).

²² (LARROSA, 2005, p. 76).

²³ (BRITO, 2016, p. 163).

²⁴ (CLARETO, 2011, p. 3).

*concepção do ser educador frente a um longo tempo histórico de formação do educador em que o designava como um instrutor ou um vocacionado para a missão.*²⁵

Professora de História — (Pede a palavra e acrescenta) *É importantíssimo que haja mais formação dos professores em relação à diversidade étnica, racial, de gênero e outras. Muitos professores não sabem como se posicionar diante dessas questões, ou pior, acabam contribuindo para o preconceito. Falta formação mesmo.*

Convidada — (Mostrando-se pensativa) *Sim, muitos professores admitem que nunca estudaram a temática em sua formação inicial. Eu mesma nunca estudei, por isso entendo que acaba sendo um trabalho difícil mesmo...*

Mediadora — (Comenta) *Por isso decidimos expor a temática neste seminário, para desconstruir e provocar as inquietudes docentes. É possível a abordagem em cursos com formações recentes.*

Loss — (Interrompe o silêncio momentâneo) *Educar o educador significa revertermos o modelo epistemológico e de ensino ocidental, em que “os professores precisam sair de suas disciplinas para dialogar com outros campos de conhecimento”, bem como o sistema educacional “estabelecer um jogo dialético entre razão e emoção”.*²⁶

Convidada — (Concorda e ressalta) *Preparar os professores para conduzir a temática de forma a proporcionar que o aluno desenvolva uma visão crítica é um desafio! Trazer o estudo da temática para dentro das universidades e institutos federais é imprescindível.*

Clareto — (Complementa) *Pensando a formação do professor como um coletivo de forças, problematizar a formação é operar no avesso da forma, ou seja, perguntar pelos processos de constituição da forma-professor.*²⁷

Mediadora — (Acena com a cabeça positivamente) *Por isso, quando mencionamos dialogar com outras disciplinas, isso nos remete para um trabalho interdisciplinar. Para isso, é necessário um conhecimento prévio da importância da temática na construção de concepções que sirvam para a melhoria das relações humanas, da ética e do respeito às diferenças.*

Clareto — (Retoma a palavra) *A formação do professor, enquanto processo ético-estético-político, nos lança ao desafio de pensar a educação enquanto processo que se*

²⁵ (LOSS, 2015, p. 15).

²⁶ (LOSS, 2015, p. 15).

²⁷ (CLARETO, 2010).

*abre aos devires, às constituições sempre outras, à produção da diferença, à inventividade. Para isso, abre-se mão da segurança do desde-sempre-já-constituído e lança-se aos desafios das inconstâncias e das impermanências, do intempestivo.*²⁸

Convidada — (Comenta) *É fundamental promover mais debates, estudos e indagações no sentido de mobilizar essas práticas, que precisam ser desconstruídas, modificadas e revisitadas.*

Mediadora — (Comenta) *A educação é poderosa, por isso é necessário mobilizar os contos que giram em torno do etnocentrismo que subjugam pessoas, que classificam raças e que formam padrões de pensamentos, de comportamentos, de vestimentas ou modelos a seguir.*

Convidada — (Pede a palavra) *A gente vê de longe pequenos fragmentos de mudanças, de novas aprendizagens na escola e que se dissolvem nas relações sociais cuidando e se preocupando com o outro. Isso é muito inspirador!*

Mediadora — (Finaliza o seminário) *Como todo o nosso seminário foi: inspirador para novas práticas e construção de caminhos. Infelizmente já estamos finalizando pessoal, mas em breve teremos novos encontros sobre a temática.*

Considerações finais

Com base no que foi apresentado neste ensaio e nos estudos dos textos e das discussões realizados em sala de aula, entendemos a importância da temática “diversidade e diferença”, que têm laços fortes com a produção cultural como construção social de apropriação de valores, normas e padrões que se estabelecem no decorrer de sua história.

Sendo assim, não há uma resposta pronta para o conjunto de desafios a que os professores são chamados a decidir em uma escola marcada pela diferença cultural e pelo conflito de valores. A demanda existe, tanto para os professores durante sua formação inicial quanto na formação continuada, especialmente em tempos marcados pela diversidade, mas mais importante do que dar respostas prontas é refletir sobre a temática.

A questão perpassa por um estudo curricular e ao mesmo tempo dando base teórica e prática de formação docente inicial e continuada. Não significa que a temática deverá se tornar uma disciplina, pois como foi exposto perpassa e está interligada como uma rede em todo o currículo escolar. Por isso, a importância de ser incluída em todos os cursos,

²⁸ (CLARETO, 2010, p. 85).

pois será vivenciada no cotidiano dos cidadãos. É notória a importância que vem sendo dada à diversidade nos projetos pedagógicos de cursos, uns com mais ênfase quando o professor acredita ser importante o trabalho com a temática e outros de maneira mais superficial.

Alunos e professores em ambiente escolar se deparam com todo tipo de diferença e diversidade. Percebe-se que cada professor participante do seminário trabalha a temática sob um prisma diferente. Alguns priorizam a temática visando a questão de gênero; outros a questão racial e outros a educação especial, mas envolvendo a diversidade. Desconstruir e instigar os padrões estabelecidos faz parte do trabalho educacional. Consideramos que são funções dos cursos de formação de professores e da escola pensar a cultura de forma a se tornar sensíveis às diferenças. A diversidade nos remete sempre a buscar o novo: isso requer um aperfeiçoamento constante na tarefa de ensinar, aprender, de buscar estratégias e conviver uns com os outros.

O multiculturalismo, segundo Silva, Hall e Woodward (2014), apoia-se em um vago e benevolente apelo à tolerância e ao respeito para com a diversidade e a diferença. No entanto, o trabalho com a identidade e a diferença não pode se limitar em proclamar a existência da diversidade como algo cristalizado e natural. É preciso compreender que as diferenças são socialmente construídas, criadas, inventadas e os mecanismos que as criam e reforçam. Este é o papel do professor no trabalho com a diversidade, trazer a reflexão e desenvolver a capacidade crítica do aluno.

Por isso, entender e valorizar a diversidade são passos importantes para que as pessoas possam conviver com as diferenças, legitimando a diversidade. Por fim, ressaltamos a importância de ampliar as pesquisas sobre a diversidade atrelada à formação docente e principalmente de estimular eventos para veicular e produzir conhecimentos sobre essa formação. É perceptível que algumas iniciativas estão sendo produzidas nas universidades e nas escolas, mas ainda há um longo caminho a ser percorrido.

Referências

- BRITO, Maria dos Remédios. **Filosofia da Diferença e Educação: A afirmação criadora: Zarathustra e seus movimentos formativos**. Rio de Janeiro: Livraria da Física, 2016.
- CLARETO, Sônia Maria; OLIVEIRA, Marta Elaine de. Experiência e dobra teoria-prática: a questão da formação de professores. In: CLARETO, Sônia Maria; FERRARI, Anderson (Orgs). **Foucault, Deleuze e Educação**. Juiz de Fora: EDUFJF, 2010.

CLARETO, Sônia Maria. Como alguém aprende a ser professor? Políticas cognitivas da aprendizagem e formação do professor. In: FONTOURA, Helena Amaral da; SILVA, Marco. (Org). **Formação de Professores, Culturas, Desafios à Pós-Graduação em Educação e suas múltiplas dimensões**. Rio de Janeiro: ANPED Nacional, v. 02, 2011. (Coleção ANPED SUDESTE 2011). p. 50-61.

CRUZ, Mariléia. **Uma abordagem sobre a história da educação dos negros**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

CARVALHO, Alexandre Filordi de. Pensar a Função-Educador: aproximações foucaultianas voltadas para a constituição de experiências de subjetividades ativas. In: Reunião Científica da Anped, 35., 2012, Porto de Galinhas. **Anais eletrônicos [...]**. Porto de Galinhas: ANPED, 2012. Disponível em: <http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt17-4509-int.pdf>. Acesso em: 08 out. 2018.

CONTRERAS, José. **A autonomia de professores**. São Paulo: Cortez, 2002.

FARIAS, Kátia Sebastiana Carvalho dos Santos. **Práticas mobilizadoras de cultura aritmética na formação de professores da Escola Normal da Província do Rio de Janeiro (1868-1889): ouvindo fantasmas imperiais**. 2014. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2014.

FIALHO; MENDES. História da educação especial: em busca de um espaço na história da educação brasileira. Seminário Nacional do HISTEDB, 7.. 2006, Campinas. **Anais eletrônicos [...]**. Campinas, SP: Graf. FE: HISTEDBR, 2006. Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario7/TRABALHOS/V/Vera%20lucia%20messias%20fialho%20capellini.pdf. Acesso em: 01 jul. 2019.

LARROSA, Jorge. **Nietzsche & a Educação**. Tradução: Semíramis Gorini da Veiga. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Tradução: João Wanderley Geraldi. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, 2002.

LOSS, Adriana Salete. A autoformação no processo educativo e formativo do profissional da educação. In: Reunião Nacional da ANPED, 37., 2015, **Anais eletrônicos [...]**. Florianópolis: UFSC/Florianópolis, 2015.

MARIM, Márcia Maria Bento; FARIAS, Kátia Sebastiana Carvalho dos Santos. Traços vivos: jogos de cenas nas (im)possíveis dobras da escrita na pesquisa em educação (Matemática). **Revista Exitus**, Santarém, v. 7, n. 2, p. 173-190, mai./ago., 2017.

MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra**. Lisboa: Editora Antígona, 2014.

MIGUEL, Antônio. Uma Encenação Terapêutica da Terapia Wittgensteiniana na Condução de Pesquisas Historiográficas. **Revista de História da Educação**

Matemática Sociedade Brasileira de História da Matemática – HISTEMAT - ANO 1, nº 1, 2015.

MIGUEL, Antônio. Is the mathematics education a problem for the school or is the school a problem for the mathematics education? **Revista Internacional de Pesquisa em Educação Matemática – RIPEM**, v. 4, n. 2, 2014.

RODRIGUES, Lucicleide Araújo; DIAS, Késia Ferreira Viana Bezerra; LIMA, Valéria de Araújo. A Educação Indígena no Período Colonial (1500-1822). In: COPRECIS (Congresso Nacional de Práticas Educativas), 1., 2017, Campo Grande. **Anais eletrônicos [...]**. Campo Grande: Realize, 2017. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/revistas/coprecis/trabalhos/TRABALHO_EV077_MD1_SA9_ID237_13092017223047.pdf. Acesso em: 01 jul. 2019.

SILVA, Geraldo; ARAÚJO, Márcia. **Da interdição escolar às ações educacionais de sucesso: escolas dos movimentos negros e escolas profissionais, técnicas e tecnológicas**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

WALSH, Catherine. Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver. In: CANDAU, Vera Maria (Org.). **Educação intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.

Enviado em: 23/08/2019.

Aceito em: 17/03/2020.

Publicado em: 17/03/2020.

Como referenciar este artigo:

ASSIS, Andrelize Schabo Ferreira de; FARIAS, Kátia Sebastiana Carvalho dos Santos; NASCIMENTO, Ana Quiovetti. Inquietudes sobre diversidade e diferença: um elo entre prática educativa e formação docente. **EDUCA - Revista Multidisciplinar em Educação**, Porto Velho, v. 7, n. 17, p. 283-299, jan./dez., 2020. DOI: <http://doi.org/10.26568/2359-2087.2020.4469>. Disponível em: <http://www.periodicos.unir.br/index.php/EDUCA/issue/archive>. e-ISSN: 2359-2087.